

***Children's Literature in Translation: Challenges and Strategies.* Jan Van Coillie; Walter P. Verschueren (eds.).** Manchester: St. Jerome Publishing, 2006. 200 pp. ISBN 1-900650-88-6. £ 22.50.

Vera White

Os editores reuniram 11 artigos de escritores consagrados na área de tradução de literatura infantil em *Children's Literature in Translation: Challenges and Strategies*. Entre os colaboradores, nomes como os de Riita Oittinen e Gillian Lathey chamam a atenção. Também é interessante notar que apenas um dos artigos é uma tradução em si: "Hans Christian Andersen's Fairy Tales in Translation" de Anette Øster. Os tópicos dos artigos estão bem alinhavados, as transições são suaves e o resultado final é, de modo geral, muito equilibrado.

O prefácio escrito pelos editores nos dá um panorama dos trabalhos a serem lidos e contextualiza a tradução de literatura infantil no mundo ocidental nos dias de hoje. Direcionando o interesse do leitor para a figura do tradutor e focando no deslocamento, ocorrido nos últimos anos, do texto fonte para o texto alvo, o livro tenta explorar "the various challenges posed by this paradigmatic shift and at the same time to highlight some of the strategies that translators can and do follow when facing these challenges." (p. VI). A nova abordagem dada a algumas questões teóricas apresenta ideias originais aplicáveis à área. E conforme o próprio título sugere, o foco de discussão repousa sobre as dificuldades enfrentadas pelo tradutor ao trabalhar com literatura infantil e as possíveis estratégias a serem empregadas para superá-las.

Em "The Translator Revealed: Didacticism, Cultural Mediation and Visions of the Child Reader in Translator's Prefaces", Gillian Lathey escreve sobre os comentários

metatextuais que o tradutor deixa no texto, como, por exemplo, notas de rodapé, introduções e prefácios – essas marcas colaboram para que o tradutor se torne visível ao leitor. Ela discute a diferença entre traduções de clássicos infantis que têm um propósito acadêmico ou que são feitas por estudiosos e aquelas produzidas para serem colocadas no mercado – para tal discussão, *Pinocchio* é usado como estudo de caso. Lathey elabora comentários sobre um número de prefácios que ela selecionou de livros infantis traduzidos e publicados no Reino Unido. Um de seus objetivos é mostrar que o tradutor pode ser visto como um mediador cultural que dialoga com a criança leitora; o tradutor pode até mesmo provocar a curiosidade de seu público em relação à cultura desconhecida.

Riita Oittinen foca no duplo público de literatura infantil, assim como em outras características especiais que têm que ser levadas em consideração no processo de tradução dos textos, como, por exemplo, ilustrações e a situação de “leitura em voz alta”. Com o atraente título “No Innocent Act: On Ethics of Translating for Children”, ela explica que o tradutor manipula o texto de acordo com seus próprios propósitos, dando ênfase a aspectos ideológicos que influenciam a seleção de estratégias como a domesticação ou estrangeirização do texto face à imagem que eles têm do leitor criança. Portanto, “we need to ponder questions relating to manipulation, the role of the translator, power and translators, norms and values, and ideology” (p. 42); assuntos que são tratados e noções que são revistas no decorrer de todo o livro.

Na mesma linha de estudo, Belén González-Cascallana diz que os textos estão inseridos em um contexto cultural e transportar informações culturais pode ser mais difícil do que transportar aspectos linguísticos. Em “Translating Cultural Intertextuality in Children’s Literature”, ela analisa a tradução de ficção/fantasia do inglês para o espanhol e discute a intertextualidade cultural enfatizando que as estratégias escolhidas podem influenciar o público alvo, mas também podem alterar a função do texto. Ela defende o uso de uma mistura de estratégias em literatura infantil traduzida, *i.e.*, usar tanto técnicas

domesticadoras como estrangeirizadoras no mesmo livro, apesar de que “there is a tendency for translators to increasingly opt for strategies such as cultural adaptation, explication and generalization” (p. 104).

Mette Rudvin e Francesca Orlati também analisam o duplo público de literatura infantil em seu artigo, mas sob um ponto de vista diferente. “Dual Readership and Hidden Subtexts in Children’s Literature: The Case of Salman Rushdie’s *Haroun and the Sea of Stories*” é um tanto longo e denso. Não obstante, elas apresentam uma interessante análise de uma tradução que enfrentou problemas de censura; em função disso, algumas normas literárias e de edição tiveram que ser seguidas para que a tradução pudesse ser aceita. O texto original escrito por Salman Rushdie contém um subtexto político e metacomentários sobre o ato de contar histórias. Além disso, o tradutor precisou explorar o uso de metáforas para converter todos os significados implícitos.

Igualmente contemplando questões políticas, Gaby Thomson-Wohlgemut escreve sobre o contexto de produção de trabalhos traduzidos na antiga República Democrática Alemã em “Flying High – Translation of Children’s Literature in East Germany”. Literatura infantil era extremamente apreciada devido ao intuito educacional do regime; no entanto, os trabalhos foram colocados sob um estreito controle de censura, já que eles estavam inseridos em uma sociedade socialista. A autora contrasta o prestígio dos livros infantis traduzidos com o prestígio das obras locais, levando em consideração fatores econômicos que causaram limitações na importação de trabalhos literários.

Isabelle Desmidt discute a diferença entre definições daquilo que é tido como uma tradução ou uma adaptação à luz dos Estudos Descritivos de Tradução, frequentemente mencionando Toury, e do *Default Prototype Concept* de Chesterman, uma tipologia de 16 traços “designated ‘variables’, in which a translation can correspond to or differ from the source text and/or from other translations, and then formulates a ‘default value’ for each variable” (p. 82). Ela diz que distinguir traduções de

outros tipos de reescritura é altamente problemático, correndo-se, assim, o risco de cair em um debate sobre equivalência. Desmidt nos dá uma descrição muito clara e resumida do *Default Prototype Concept* das Traduções, além de uma perspectiva concisa e brilhante sobre a Teoria Descritiva de Tradução em “A Prototypical Approach within Descriptive Translation Studies? Colliding Norms in Translated Children’s Literature”. Ela também levanta problemas que o tradutor enfrenta quando trabalha com livros de gravuras e ilustrações no tocante a aspectos técnicos, tais como não obter permissão para alterar o layout da página e ter que adequar o texto a fim de que esse caiba nos balões de fala.

Em seu artigo, Rita Ghesquiere insere um grande número de perguntas muito oportunas a respeito da importação de literatura infantil para uma cultura e faz uma conexão interessante entre fatores comerciais e a predominância de livros ocidentais nas prateleiras de livrarias em todo o mundo. Em “Why Does Children’s Literature Need Translations?”, ela também comenta recentes fenômenos de mercado como Disney e J. K. Rowling e como as traduções de suas obras possuem um papel essencial para o sucesso de suas histórias. Apesar de alertar o leitor para os perigos da importação excessiva de livros de literatura infantil através de traduções em detrimento dos livros infantis nacionais, ela usa uma abordagem equilibrada declarando que é muito difícil “imagine a history of children’s literature, not even conceived from a national point of view, without mentioning translations” (p. 20).

Anette Øster examina os contos de fada de Andersen, que foram alterados quando traduzidos para o inglês. O artigo focaliza principalmente no estilo de Andersen, mas também oferece impressões sobre o conteúdo de sua obra traduzida. Apesar dos contos terem se tornado muito populares em inglês, a interpretação do estilo e do gênero do autor é um tanto díspare. Øster explica porque entende que as transformações pelas quais os contos passaram quando transportados para outra cultura causaram uma consequente perda do tom e riqueza presentes na obra original.

Vanessa Joosen contrasta diferentes edições de um romance adolescente traduzido do inglês para o holandês em “From *Breaktime* to *Postcards*: How Aidan Chambers Goes (Or Does Not Go) Dutch”. Este artigo está repleto de pequenos erros, o que chama a atenção já que contrasta com a qualidade do resto do livro. Entre eles encontram-se erros de formatação (p. 65) e números de referência de ilustrações (p. 73). Quando se refere a uma das traduções analisadas, a autora hesita entre os termos utilizados ao chamá-la de “last one” (p. 61) da coleção e “one but last book” (p. 72) ou “penultimate” (p. 61). Apesar dos ocasionais erros, o artigo cumpre o seu propósito. Os pontos discutidos são mesmo interessantes: um debate sobre as dificuldades de se traduzir tópicos considerados tabus e a escolha de favorecer o estilo do autor em romances adolescentes. O fato de os romances de Aidan Chambers terem o potencial de agradar públicos de diferentes faixas etárias traz uma perspectiva diferente à tarefa do tradutor.

Isabel Pascua contribui com uma descrição dos problemas enfrentados ao se traduzir nomes e onomatopeias de um romance juvenil alemão transposto para o inglês e o espanhol em “Translating Cultural References: The Language of Young People in Literary Texts”. Abrangendo a teoria de polissistemas, ela mostra diferentes convenções sociais e educacionais que tiveram que ser seguidas em cada um dos países onde as traduções foram publicadas. Ela também compara as diferentes estratégias usadas pelos tradutores que trabalham com marcadores culturais e gírias. Pascua aponta que “it is precisely the heterogeneity and ambivalence found in a great deal of literature written for children or young people that ensure that different strategies will be appropriate in translating a certain text” (p. 112). A autora finaliza o artigo com uma proveitosa conclusão que resume bem suas ideias.

“Character Names in Translation: A Functional Approach” é uma contribuição direta de um dos coeditores: Jan Van Coillie, que escreve sobre a tradução de nomes e lugares e se esses devem ser traduzidos ou não. Ele pondera o quanto ilustrações podem influenciar a tradução de nomes e oferece um delinea-

mento das estratégias que poderiam ser usadas quando se trabalha com a tradução de nomes. A escolha de adaptar nomes varia de acordo com a cultura alvo e as estratégias tendem a levar em consideração uma perspectiva funcional, *i.e.*, já que nomes podem ter significado, o tradutor analisa se o nome exerce uma função no texto alvo assim como no texto fonte e avalia seu possível impacto no leitor. Collie dá exemplos para demonstrar como isso ocorre e fala sobre os motivos dos tradutores. Ele cita Lia Wyler algumas vezes, não apenas para mencionar as estratégias utilizadas na sua tradução de Harry Potter, mas também para citar seu ponto de vista sobre o assunto: ela acredita que a identificação das crianças com os nomes é um elemento chave e, em alguns casos, a referência estaria perdida até mesmo com jovens leitores inseridos na cultura do texto fonte (pp. 129, 134). De modo geral, ele vê traduções de literatura infantil como algo que poderia enriquecer a experiência da criança (p. 134). Este artigo também inclui diversas notas sobre os exemplos dados e comentários sobre as perspectivas teóricas direcionando-os ao texto alvo.

O livro termina com uma lista de colaboradores e informações a respeito de cada um deles, além de um índice remissivo. Deve-se fazer menção aos trechos mais teóricos examinados neste volume, já que muitos dos artigos apresentam uma discussão sobre a aplicabilidade de famosas teorias de tradução à tradução de literatura infantil. Eles também questionam os princípios que deveriam reger tais traduções; apresentam uma variedade de estratégias de tradução; e, discutem o impacto cultural causado por tais traduções na sociedade de chegada. A despeito da presença de diversos exemplos de estudos e publicações nórdicos em toda a obra, esses ainda são muito úteis e interessantes, pois descrevem situações que também podem ser encontradas em outras culturas. Apesar de tudo, atualmente os tradutores “want to bring children into contact with other cultures”, portanto, eles escolhem “to retain a degree of ‘foreignness’ in their translations”. Tradicionalmente, a tradução de literatura infantil tende a usar estratégias domesticadoras entendendo que os textos seriam mais palatáveis para o jovem leitor se não causassem sentimentos de estranheza. Mas existe uma tendência, já

há alguns anos, de inserir um número de elementos estrangeiros nas histórias, produzindo-se um texto que faz uso de uma combinação de estratégias, acreditando-se que o contato com outra cultura também seria vantajoso para crianças do ponto de vista educacional (p. VIII).

O livro contribui para o enquadramento da literatura infantil traduzida assim como para a sua inserção na subárea de literatura traduzida (p. v). É gratificante observar que a tradução de literatura infantil está sendo levada mais a sério e que estudiosos e tradutores que trabalham com isso têm recebido maior reconhecimento. A área se tornou expressiva dentro dos Estudos de Tradução e “translating for children (...) is recognized as a literary challenge” (p. V).